

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS
Faculdade de Ciências Humanas - FACH
Curso de Licenciatura em Filosofia
Henrique Ayres Santos da Silva

O Empirismo de John Locke como Fundamento do Conhecimento

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS
Faculdade de Ciências Humanas - FACH
Curso de Licenciatura em Filosofia
Henrique Ayres Santos da Silva

O Empirismo de John Locke como Fundamento do Conhecimento

Trabalho de Conclusão de curso apresentado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Erickson Cristiano dos Santos

O Empirismo de John Locke como Fundamento do Conhecimento

Trabalho de Conclusão de curso apresentado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.
Orientador: Prof. Dr. Erickson Cristiano dos Santos

O Empirismo de John Locke como Fundamento do Conhecimento

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, pela faculdade de Ciências Humanas – FACH, para obtenção de certificado de licenciatura em Filosofia.

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Erickson Cristiano dos Santos

Professor Dr. Ronaldo José Moraca

Professor Dr. Fabrício Santiago Almeida

AGRADECIMENTOS

Agradeço e dedico este trabalho de Conclusão de Curso a todas as pessoas que, de alguma forma, estiveram ao meu lado durante esta caminhada em busca da diplomação no curso de Licenciatura em Filosofia pela UFMS.

Agradeço ao corpo docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que, com paciência, dedicação e compromisso, conduziu-me ao universo acadêmico da Filosofia e contribuiu para minha formação intelectual e humana. De modo especial, agradeço ao meu orientador, Professor Dr. Erickson Cristiano dos Santos, pela orientação, apoio e auxílio no desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço também aos meus filhos, que estiveram ao meu lado e me incentivaram nos momentos mais difíceis dessa caminhada. Registro ainda um agradecimento póstumo à minha amada esposa, que me acompanhou, incentivou e apoio nos momentos em que duvidei de mim mesmo. Seu espírito permanece vivo em mim.

Agradeço à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS e a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho e para a minha trajetória academia.

Meus sinceros agradecimentos!

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo apresentar os fundamentos epistemológicos do empirismo desenvolvido pelo filósofo inglês John Locke (1632-1704). Locke em suas investigações buscou compreender como o conhecimento se origina na mente dos homens, quais são os movimentos que a mente realiza internamente e como as ideias simples percebidas pelas sensações são transformadas em ideias complexas, abastecendo a mente do homem de todo tipo de conhecimento. O resultado almejado neste trabalho é compreender os caminhos que fizeram com que Locke defendesse a tese de que o ser humano não traz consigo nenhum tipo de conhecimento e que todo o conhecimento se origina exclusivamente das experiências transmitidas pelos sentidos.

Palavras-chave: John Locke. Empirismo. Inatismo. Teoria do Conhecimento.

SUMÁRIO

Introdução	8
1. A visão Empírica de John Locke e as críticas ao Inatismo	9
2. O Empirismo segundo John Locke	17
3. A Teoria do Conhecimento de Locke	23
Conclusão.....	28
Referências Bibliográficas	29

INTRODUÇÃO

A reflexão sobre a origem do conhecimento ocupa lugar central na história da Filosofia. Desde os primórdios da filosofia grega, diferentes pensadores buscaram compreender de que modo o ser humano conhece a realidade, quais são os limites do entendimento e quais critérios permitem distinguir o conhecimento verdadeiro da simples opinião. Na modernidade, essa discussão ganhou novos contornos a partir do confronto entre racionalistas e empiristas. Enquanto os teóricos racionalistas, especialmente os cartesianos, defendiam a razão como fundamento principal e fonte segura do conhecimento, dando preferência à cogitação racional em detrimento de qualquer informação oriunda dos sentidos, os teóricos empiristas sustentavam que todo conhecimento tem sua origem pela experiência do homem com o mundo.

Nesse contexto, John Locke ocupa posição de grande relevância. Filósofo inglês do século XVII, Locke é considerado um dos principais representantes do empirismo moderno. Sua principal obra, *Ensaio sobre o entendimento Humano* (1689) constitui uma investigação profunda acerca da origem das ideias, da formação do conhecimento e dos limites da razão humana. Ao rejeitar a existência de ideias inatas, ele propõe que a mente humana é desprovida de conteúdos previamente estabelecidos antes de nascermos e afirma que todo conhecimento se desenvolve a partir da experiência sensível.

Para o empirista Locke nada existe no entendimento que não tenha passado, de algum modo, pela experiência. Para ele, a mente, inicialmente vazia de ideias, é gradualmente preenchida com conhecimento provenientes das sensações recebidas do mundo exterior e pelas operações internas que a mente realiza sobre essas experiências.

O presente trabalho tem como objetivo analisar o empirismo de John Locke, destacando sua compreensão sobre a origem do conhecimento, a função da experiência, a distinção entre sensação e reflexão, a classificação das ideias entre simples e complexas e sua crítica ao inatismo.

O trabalho está organizado em três capítulos: no primeiro capítulo analisa-se a visão empírica do filósofo e suas críticas ao inatismo, principalmente aos cartesianos; no segundo capítulo examina-se o empirismo lockeano propriamente dito, destacando a importância das sensações, das ideias simples, das ideias complexas e da reflexão e no terceiro e último capítulo apresenta-se a teoria do conhecimento de Locke, com ênfase na origem das ideias e nos limites do entendimento humano.

1. A VISÃO EMPÍRICA DE JOHN LOCKE E AS CRÍTICAS AO INATISMO

Meyers, em seu livro *Empirismo* (2017), comenta que Locke é o primeiro e talvez o maior entre os empiristas modernos. Suas críticas às ideias e conhecimentos inatos é parte de sua teoria geral do conhecimento científico. Para o comentador, Locke se opõe à teoria defendidas pelos filósofos racionalistas, em especial pelo filósofo René Descartes, e sua defesa das ideias inatas. Descartes defende que os sentidos não seria fonte segura de conhecimento, já que os sentidos podem nos levar ao engano e, portanto, ao erro na busca de conhecimento verdadeiro.

Com efeito, tudo o que admiti até agora com o que há de mais verdadeiro, eu o recebi dos sentidos ou pelos sentidos. Ora, notei que os sentidos às vezes enganam e é prudente nunca confiar completamente nos que, seja uma vez, nos enganaram. (DESCARTES, 2004, p. 23)

Locke ao tratar de Descartes, refuta algumas das máximas defendidas pelo racionalista. Examina algumas verdades que afirmam os inatistas serem conhecimento pré-estabelecidos na mente, como, por exemplo, as proposições: (1) O que quer que seja é; (2) É impossível a mesma coisa ser e não ser; (3) Fazer aos outros o que gostaríamos que fizessem a nós; (4) A virtude é a melhor veneração a Deus; e (5) Deus existe. (MEYERS, 2017, p. 21)

Para essas verdades máximas propostas pelos inatistas, Locke rejeita a afirmação de serem todas essas proposições não adquiridas pela experiência, mas inatas. Ele argumenta que poderíamos ter certos conhecimentos sem conhecer proposições gerais como nas proposições (1) e (2); para ele, não se pode afirmar que seriam inatas estas proposições, já que depende de sua exposição sobre essas verdades.

É inegável que muitos homens só se dão conta dessas verdades supostamente evidentes em si mesmas, quando lhe são propostas. É claro que, quem quer que se dê conta delas, percebe em si mesmo que passou a conhecer uma proposição que antes desconhecia e que não mais questiona; mas não porque seja inata, e sim porque a consideração da natureza das coisas contidas nessas palavras não lhe pede que pense de outra maneira ao refletir sobre elas. (LOCKE, 2012, p. 41)

Passamos a ter consciência da existência dessas proposições e alcançamos essas verdades no intelecto pela exposição de outros homens. E mesmo diante da revelação de tais proposições, uma criança é incapaz de alcançar essas verdades por si mesma, mas, uma vez alcançando a maturidade da razão e sendo apresentadas tais proposições, passa a compreender e assentir a estas verdades.

Entrementes, pode-se observar que dizer que os homens conhecem e assentem a essas máximas *quando começam a usar a razão* equivale, na realidade, a isto: os homens não as conhecem, nem se dão conta delas, antes de usarem a razão; mas podem assentir a elas algum tempo depois, não se sabe ao certo quando, no decorrer de suas vidas. [...] é comum que as crianças não adquiram *ideias* gerais, nem aprendem os nomes que as representam, antes de exercitarem a razão por um bom tempo, com *ideias* mais familiares e particulares, antes que sua fala e as ações cotidianas permitam que se reconheça nelas a capacidade de conversação racional. Se assentir a máxima em questão quando os homens começam a usar a razão pode ter outro sentido verdadeiro, eu gostaria que me mostrassem como isso provaria, em qualquer sentido, serem elas inatas. (LOCKE, 2012, p. 35)

É pelo seu entendimento e pelo uso da razão, diz Locke, que alcançamos o conhecimento da existência dessas proposições. Já as proposições (3) e (4) que se referem as questões da moral, ele é sempre cauteloso e desconfia de proposições de princípios práticos ou morais, já que certas proposições dessa natureza levam a uma afirmação moral. Para o filósofo empirista as afirmações de que seriam inatas as máximas que tem relação com a moralidade é falsa no que tange as verdades inatas, pois essas verdades são evidentes em si mesmas e não precisariam recorrer a razão para assenti-las. (MEYERS, 2017, p. 22)

Para a teoria lockeana, a moralidade é encontrada de diferentes formas e maneiras, por exemplo, para um cristão a moral provém de Deus, já para um ateu essa relação se faz pela vontade da sociedade e do Estado; já para os filósofos da antiguidade, como por exemplo Tomás de Aquino (1.225 – 1.274), a moral vem pela dignidade humana. Mas se prestarmos atenção, perceberemos que as condutas morais dos diferentes homens estão baseadas não em crenças ou na falta delas, mas na educação, no meio social que vivem os homens e dos costumes e da cultura da sociedade que estão inseridos. As condutas morais são diferentes também entre os vários povos e nações, um exemplo dessa afirmação é a percepção e no sentido que os povos tem em relação a ideia de um Deus; muitos homens tem uma ideia vaga e confusa de Deus e muitos nem sequer acreditam em sua existência, o mesmo problema da falta de uma noção clara da ideia de Deus ocorre nas crianças, elas não possuem uma compreensão nítida dessa ideia de Deus. A noção de Deus, portanto, não é totalmente compreendida nem afirmada por todos os homens e uma crença não pode ser inata a não ser que as ideias nela implicadas sejam também de mesma natureza. Para Locke, tais proposições não poderiam ser inatas, mas adquiridas pela experiência da realidade. (LEROY, 1985, p. 28)

Locke argumenta que crianças, pessoas sem instrução e indivíduos de diferentes sociedades não possuem, desde o nascimento, os mesmos princípios morais, religiosos ou lógicos de maneira consciente e universal, indicando que não são inatas tais ideias, mas adquiridas gradualmente por meio da experiência, do uso da linguagem, da educação e da convivência social.

Os inatistas, por outro lado, afirmam que certos princípios estariam naturalmente presentes no espírito humano, como verdades evidentes por si mesma.

Mas, *como toda a ideia é uma obra da mente*, a natureza dessa ideia é tal que ela não exige por si mesma nenhuma outra realidade formal além da que recebe de meu pensamento *ou de minha mente*, da qual é um modo, *isto é, uma maneira ou feitio de pensar*. Mas, que essa ideia contenha esta e não aquela realidade objetiva, deve-o ela seguramente a alguma causa da qual a recebeu e na qual há no mínimo tanta realidade formal quanto essa ideia contém de realidade objetiva. Pois, se supusermos que há na ideia algo que não havia em sua causa, ela o teria obtido, portanto, do nada. (DESCARTES, 2004, p. 83)

Locke questiona tal posição ao observar que tais princípios precisam ser aprendidos e compreendidos ao longo da vida antes de serem assentidos. Se fossem realmente inatos, como

afirmam os cartesianos, todos os seres humanos teriam consciência de tais princípios desde o início de sua existência, o que não ocorre, já que uma criança, como ficou claro, não tem uma ideia nítida sobre Deus e só passam a ter uma noção, mesmo que vaga, desse ser bondoso quando lhes são oferecidas por outros homens.

Outra palavra, segundo Locke, pouco compreendida pelos homens é a palavra “substância”. Ele não compreende com clareza o significado desse termo, nem seu designo consegue compreender com certeza, seja por sensação, seja por reflexão, não entendemos perfeitamente esse termo. Alguns afirmam que é o substrato das ideias que conhecemos, mas ainda assim para ele é uma ideia que não podemos perceber ou compreender com exatidão. Para que possamos julgar que essas ideias sejam inatas seria necessário ter a certeza e clareza da sua percepção, porém, haverá sempre a necessidade de refletir e meditar esses termos. (LEROY, 1985, p. 29)

Temos a ideia de substância quando, por exemplo, constatamos que as ideias simples se apresentam sempre juntas; supomos então que pertencem a uma mesma coisa, damos-lhes um mesmo nome, que admitimos corresponder a uma ideia simples; temos então a ideia de um substrato. Este é um suporte das qualidades, não sabemos qual; solidez e extensão são ainda ideias; [...] Fazemos pois, da ideia de substância, uma ideia relativa e obscura, é uma combinação de ideias simples, com uma certa estrutura interna própria, mas também com uma essência desconhecida; (LEROY, 1985, p. 36)

Para o filósofo empirista, comenta Meyers, o inatismo são teorias sem base e sem fundamentos, uma vez que conseguimos explicar todas as ideias com bases na experiência, além disso, as noções de inatismos são obscuros o que levaria a um dogmatismo subjetivo, uma aceitação do sujeito como uma verdade absoluta e incontestável. Ele defende que todo o conhecimento é proveniente dos poderes que a natureza nos deu e não de princípios baseados no inatismo, pois é fácil enxergar conhecimento pelos olhos do entendimento de outros homens.

Em sua obra Locke contrapõem bases estabelecidas e defendidas entre alguns filósofos a ideia de que haveriam alguns princípios inatos no entendimento, uma certa noção primária impressa na mente, *Koinai ennoiai* (noções comuns, termo utilizado pelos estoicos), que a alma receberia em sua primeira existência e acompanhava sua vinda ao mundo. (LOCKE, 2012, p. 27)

Todos concederão, eu imagino, que seria impertinente supor uma criatura dotada por Deus de visão, do poder de receber cores de objetos externos pelos olhos, mas que tivesse *ideias* inatas de cores. (LOCKE, 2012, p. 27)

O filósofo empirista refuta tal afirmação que haveriam caracteres estampados na mente de vidas passadas, teoria que ficou conhecida como consentimento universal. Essa teoria que diz haver na mente dos homens impressões necessárias que a alma receberia desde a sua primeira existência e seria universalmente comum a todos os homens padece de uma falta de força e vigor justamente por não contar com o assentimento universal dos homens. Nem todos os homens tem a concepção de um Deus, nem as crianças tem noção clara e nítida desse ser bondoso.

Locke começa suas críticas refutando os princípios de demonstração, que seriam os mais reconhecidamente inatos: “o que é, é” e “é impossível que a mesma coisa seja e não seja”. Esses dois princípios reconhecidamente inatos não recebem assentimento universal de boa parte dos homens, já que muitos homens as desconhecem e não tem a menor noção da existência de tais princípios, esse argumento já seria, por si só, motivo suficiente para refutar o argumento do assentimento universal, tão necessária para a defesa da verdade inata, pois, um homem com plena capacidade racional que desconheça tais princípios e precisa ser informado por outros homens, não se pode afirmar que se trata de princípios inatos, pois se assim fossem, inevitavelmente seriam percebidas e as conheceriam e assentiriam à sua verdade naturalmente. Fica evidente que não é assim que acontece, não se pode afirmar que existam algumas impressões inatas que os homens as desconheçam. Locke questiona: se não são noções naturalmente impressas, como poderiam ser inatas? Ou, se são impressas, como poderiam ser desconhecidas? Para ele, havendo noções impressa na mente que a mente desconheça e ignore é fazer dessas impressões um nada, já que o que é, é e não pode não ser. É impossível dizer que há na mente uma proposição que a mente não conheça, da qual nunca teve consciência, ou, que o homem possa viver e morrer na ignorância de muitas verdades que sua mente seria capaz de conhecer com certeza e mesmo assim, as desconhece. Alguns dirão, segundo ele, que é pelo uso da razão que passamos a conhecer essas verdades e por este motivo seriam essas proposições inatas, ou seja, para àqueles que defendem o inatismo, o uso da razão é capacitador para se conhecer e assentir. Para o filósofo, o assentimento da nossa mente a verdades não depende nem de inscrição nativa nem do uso da razão, pois, mesmo após a maturação da mente com o uso da razão, ainda não existiriam no pensamento ideias gerais abstratas, mas, pela faculdade da razão as descobririam e seriam inseridas na mente pela experiência. Locke reconhece a importância e o papel fundamental que os homens comecem a usar a razão para conhecerem verdades gerais apresentadas por terceiros, mas nega que esse tempo de descobertas esteja ligada exclusivamente ao desabrochar da razão.

Ele argumenta que é pelos sentidos que as ideias particulares são introduzidas na mente, que passa a familiarizar gradualmente com essas ideias, para só então, pela abstração, serem aprendidas e utilizadas. A mente é abastecida de ideias não inatas e de linguagem através dos sentidos e o uso da razão torna-se mais forte à medida que a mente é incrementada com elementos que ocupam o pensamento e a faz debruçar sobre si, ou seja, o conhecimento é sempre de ideias não inatas fornecidas pelas coisas externas, principalmente aquelas que mais impressionam os sentidos. É, segundo Locke, pelas ideias que a mente descobre concordância e discordância, e essas ideias são adquiridas antes do uso das palavras e do uso da razão.

A criança que ainda não fala conhece com tanta certeza a diferença entre as *ideias* de doce e de amargo (ou seja, ela sabe que uma não é outra), quanto sabe, depois que começa a falar, que o absinto e o açúcar são coisas diferentes. (LOCKE, 2012, p. 36)

Ele explica que, ao percebermos uma verdade e assentirmos a ela, por considerarmos verdadeira a proposição, essa aceitação não ocorre por se tratar de uma verdade inata nem o assentimento se faz afirmativo pelo uso da razão, mas sim pelas evidências e pela consolidação das ideias claras e distintas pelos nomes que tais ideias representam na mente. Quanto mais tardio a mente demora para ter ideias gerais, mais demorado fica para assentir a essas máximas. É pelo tempo e pela observância que a mente se acostuma a esses termos, só então ela estaria pronta para conhecer as verdades dessas proposições.

Caso houvessem proposições inatas, afirma Locke, não haveria a necessidade de propor ao entendimento para assentimento, pois já estariam essas verdades no entendimento por impressão natural e originária, ou seja, já seriam conhecidas. É inegável que o homem só toma ciência dessas verdades quando lhes são apresentadas, passando a conhecer o que antes não conhecia. As ideias não nascem prontas e pré-estabelecidas como afirmam e defendem os inatistas, mas são adquiridas com o tempo e com a experimentação do mundo físico. Para ele, adquirimos ideias e nomes por etapas, somente dessa forma somos capazes de realizar conexões apropriadas entre uma ideia e outra e assentimos a essas proposições quando percebemos concordância ou discordância entre elas.

Locke sustenta que uma vez que não há prova direta do inatismo e que o empirismo não pode ser desatualizado, o melhor que se pode fazer é aceitar a explicação empírica, por considerá-la mais adequada e melhor fundamentada. Aprender ideias como as de substância, identidade e Deus, por exemplo, requer muito tempo e os significados são tão amplos, abrangentes e abstratos que levaria muito tempo para aprender seus significados e princípios. Segundo afirma o filósofo empirista, a única capacidade inata que possuímos seria para alcançar conhecimento e ideias moldadas exclusivamente pela experiência, não havendo, portanto, nenhuma capacidade inata que não provenha antes da experiência.

É importante destacar que Locke não nega que tenhamos capacidades cognitivas inatas, ele nega que a mente possua ideias, crenças e conhecimento inatos ao nascermos. Para ele todo conhecimento é habitual, ou seja, todo conhecimento é proveniente das experiências adquiridas do cotidiano e requer uma percepção efetiva de uma verdade a partir da experiência, exceto o que estamos efetivamente pensando. Ele argumenta haver uma capacidade inata, uma espécie de intuição natural para conhecer ideias e percepções de suas relações e que o conhecimento habitual é armazenado na memória através dos sentidos. Essa capacidade não significa a existência de

conhecimento alojada em nossa mente antes da experiência advindas dos sentidos como defendem os cartesianos, apenas que há uma espécie de intuição natural para alcança-las. (MEYERS, 2017, p. 33)

Em relação as verdades matemáticas, Meyers explica que Locke concorda que essas verdades não são generalizações da experiência, porém os conceitos e simbologias matemáticas são adquiridos pela experiência, não sendo, portanto, um conhecimento pré-existente na mente, mas conhecimento adquirido pela experimentação das teorias matemáticas que ocorre no mundo e nos são apresentadas por um conhecimento empírico. Locke concorda ainda que essas verdades matemáticas e outras são justificadas independentemente da experiência e nossa capacidade de assentir é inata, negando, porém, que essas ideias sejam dessa mesma natureza. Essas ideias são aprendidas e apenas ao refletir sobre elas é que alcançamos as verdades e conhecimento verdadeiro. (MEYERS, 2017, p. 34 e 35)

Para o filósofo inglês, a mente humana nasce como uma folha em branco e vai sendo preenchida pelas experiências. Essa imagem da mente como sendo uma “tábula rasa” representa a rejeição da ideia de que o conhecimento esteja previamente dado no sujeito. O conhecimento, ao contrário, é construído a partir do contato do homem com o mundo exterior e por meio das operações internas por ele recebidos em sua mente. A visão empírica de Locke valoriza o papel dos sentidos na formação das ideias. É por meio da visão, da audição, do tato, do olfato e do paladar que o homem recebe as primeiras informações sobre o mundo. Essas informações não são ainda conhecimento elaborado, nem conhecimento impressos na mente antes do nascimento, mas constituem a matéria-prima a partir da qual a mente trabalha e se desenvolve. Posteriormente, pela reflexão, o entendimento organiza essas informações, compara ideias, estabelece relações e forma conceitos mais complexos.

Supondo que a mente seja, por assim dizer, uma tela em branco, sem nenhum caractere, sem nenhuma *ideia* inata: De onde vem seu suprimento? De onde vem o vasto estoque que a diligente e ilimitada fantasia humana pinta nela com quase infinita variedade? De onde vem os *materiais* de toda razão e conhecimento? A isso respondo, numa palavra: da *experiência*, na qual se funda todo o nosso conhecimento, que dela deriva em última instância. Nossa observação, seja de *objetos externos sensíveis*, seja de *operações internas da nossa mente que percebemos e refletimos em nós mesmos, eis aquilo que supre nosso entendimento de todo material do pensar*. São essas as duas fontes de conhecimento das quais fluem todas as *ideias* que naturalmente temos ou podemos ter. (LOCKE, 2012, p. 97 e 98)

A crítica ao inatismo também possui consequências importantes para a educação. Se o conhecimento não nasce pronto na mente, então a formação humana depende da experiência, do aprendizado, do ambiente e da orientação racional. A educação passa a ser compreendida como um processo fundamental para o desenvolvimento do entendimento, pois é por meio dela que o sujeito organiza suas experiências e amplia sua capacidade de assentir e de julgar.

Nesse sentido, Locke contribui para uma concepção mais dinâmica do ser humano. Para ele, o homem não é apenas portador de verdades prontas, mas um ser em formação, cuja razão se

desenvolve progressivamente. Essa perspectiva valoriza a experiência individual e reconhece que o conhecimento é resultado de um processo histórico, sensível e reflexivo.

[...] a outra fonte da qual a experiência fornece *ideias* para o entendimento é a *percepção*, dentro de nós, de operações de nossa própria mente com ideias que adquiriu; operações que, uma vez refletidas e consideradas pela alma, oferecem ao entendimento um novo conjunto de ideias, que não poderiam se obter de coisas fora, tais como: *percepção*, *pensamento*, *dúvida*, *crença*, *raciocínio*, *conhecimento*, *vontade* e demais atos de nossa própria mente, dos quais somos conscientes e dos quais, sendo observados em nós mesmos, recebe o entendimento ideias tão distintas quanto aquelas de corpos que afetam nossos sentidos. (LOCKE, 2012, p. 98)

A crítica aos inatistas também reforça a importância da linguagem. Para Locke, as palavras não possuem significado por si mesmas; elas representam ideias. Quando uma pessoa utiliza uma palavra sem possuir a ideia correspondente, essa palavra se torna vazia de sentido. Assim, aprender não é apenas um ato de memorizar termos, mas de formar ideias claras a partir da experiência e compreender as relações entre elas. Além disso, ele mostra que muitas divergências filosóficas e humanas decorrem do uso inadequado das palavras. Quando os homens empregam termos sem clareza, acabam criando confusões e falsas disputas. Por isso, a filosofia lockeana tem uma preocupação metodológica: é preciso examinar cuidadosamente as ideias e os significados para evitar erros no conhecimento.

[...] O homem tem assim, por natureza, órgãos confeccionados para a *disposição de moldar sons articulados* que chamamos de palavras. [...] além de moldar sons articulados, o homem tenha a *habilidade de usá-los como signos de concepções internas* que representem, como marcas, ideias dentro de sua própria mente, seja para dá-las ao conhecimento de outros, seja para transmitir pensamentos de uma mente para outra. (LOCKE, 2012, p. 433)

Locke não nega a importância da razão nas críticas que faz ao inatismo, pelo contrário, a razão ocupa papel essencial em sua filosofia. A razão por si só não cria os conteúdos do conhecimento, mas trabalha sobre os materiais fornecidos pela experiência, fornecedora das ideias, e a razão é quem organiza, compara e desenvolve esse conhecimento na mente humana. Dessa forma, ele estabelece uma relação equilibrada entre sensação e reflexão. A sensação oferece o contato inicial com o mundo; a reflexão permite que a mente compreenda suas próprias operações. Juntas, sensação e reflexão, formam a base do conhecimento humano e essa concepção afasta tanto a ideia de uma mente passiva quanto a ideia de uma razão absolutamente autônoma e independente da experiência.

A crítica aos cartesianos, portanto, não é apenas uma negação de teorias anteriores, mas a construção de uma nova forma de compreender o conhecimento. Ele propõe que o saber humano deve ser investigado a partir de suas origens concretas, isto é, da experiência sensível e da atividade reflexiva da mente. Com isso, ele inaugura uma perspectiva que influenciou profundamente a filosofia moderna, a ciência, a psicologia e a pedagogia.

A teoria proposta por Locke mostra que o conhecimento humano é ilimitado, gradual e dependente da experiência, pois é somente pelo cotidiano que o homem produz conhecimento através das sensações, observações e pelo processo interno da mente de refletir, ou seja, o homem não conhece todas as coisas de maneira absoluta, mas pode conhecer aquilo que se apresenta aos sentidos e aquilo que a mente consegue elaborar por reflexão. Reconhecer esses limites é uma atitude filosófica fundamental, pois impede que o homem pretenda ultrapassar aquilo que sua razão é capaz de alcançar. Locke procurou expor seu pensamento mais profundo sobre a origem do conhecimento, justificando e defendendo a tolerância, pois para ele só podemos falar daquilo que experimentamos, dos nossos próprios pensamentos, ou seja, ver e sentir o mundo através dos nossos próprios sentidos.

2. O EMPIRISMO SEGUNDO JOHN LOCKE

John Locke é um dos principais representantes do empirismo moderno e sua epistemologia empírica foram fundamentais para explicar como os seres humanos alcança conhecimento verdadeiro pelas sensações e reflexões. Suas teorias contribuíram para o desenvolvimento de uma ciência mais experimental e dinâmica do conhecimento e não devem ser aceitas como verdades absolutas previamente estabelecidas, mas testadas, observadas e aprimoradas a partir da experiência de novos dados e observações. Essa valorização da experiência aproximou o empirismo lockeano do espírito científico moderno, no qual a observação e experimentação dos fatos desempenha papel essencial. É na mente que as experiências são recebidas, armazenadas, comparadas e transformadas em conhecimento. Todo conhecimento, afirma ele, deriva da experiência sensorial e das operações reflexivas realizadas pela mente.

O filósofo Inglês parte do princípio que a mente humana é inicialmente vazia de conteúdo, nada estaria previamente inscrito na mente e o conhecimento é construído a partir das experiências e dos sentidos. Nesse contexto, a palavra ideia ocupa papel central em sua filosofia, pois designa tudo aquilo que é objeto do entendimento quando o homem pensa e de tudo aquilo que o espírito ocupasse quando pensa, respondendo perfeitamente à etimologia da palavra.

É o termo que, penso eu, melhor serve para representar o objeto do entendimento quando um homem pensa; empreguei-o, pois, para exprimir tudo o que se significa por *fantasma*, *noção*, *espécie* e tudo aquilo sobre que o espírito pode ocupar-se quando pensa; não podia, pois, evitar usá-lo frequentemente. (LEROY, 1985, p. 25)

Quando observamos um objeto externo, adquirimos, por meio dos sentidos, conhecimento de suas características. Posteriormente, pela abstração e pela reflexão, a mente amplia esse primeiro conhecimento, desenvolvendo das ideias simples percebidas pelos sentidos em ideias complexas. Todo homem pensa e nesse processo, a mente se ocupa de ideias, que constituem os objetos ordinários do conhecimento humano.

A palavra ideia assim como a palavra pensar, tal como pensaram os metafísicos, para Locke, possui um sentido amplo e nobre (LEROY, 1985, p. 25). Os termos se referem não apenas às imagens sensíveis, mas também ao conteúdo do pensamento, às percepções, às lembranças, aos sentimentos e às operações internas da mente. Assim, nossas ideias e opiniões formam o campo sobre o qual o entendimento trabalha. Somos seres afortunados, já que somos capacitados através dos sentidos de percebermos objetos exteriores, dando-nos também a faculdade (entendimento) para alcançarmos um conhecimento fácil e certo. O homem a descobre pelo uso da razão, sendo está a faculdade do raciocínio.

Para Locke, só podemos falar daquilo que experimentamos em nós mesmos, dos nossos próprios pensamentos sem se servir de entendimento de outros homens, ou seja, ver e sentir o mundo através dos nossos próprios sentidos, não se importando se haveriam outras pegadas no caminho dos seus próprios pensamentos.

A verdade foi o meu único desígnio; os meus pensamentos seguiram-na imparcialmente a toda a parte onde ela pareceu conduzir, sem se preocuparem de saber se as pegadas de outro homem se encontravam nessa via. (LEROY, 1985, p. 29)

Todo homem, afirma ele, tem consciência que pensa e que aplica esses pensamentos ao seu espírito. As ideias de sensação seriam àquelas que resultariam das ações dos objetos exteriores sobre os nossos sentidos e mais tarde apareceriam as ideias de reflexão que seria uma espécie de sentido interno atuando em nosso espírito e nesse movimento de ideias simples em ideias complexas passamos a conhecer operações como perceber, pensar, duvidar, raciocinar, saber, querer e tantas outras ideias.

Ao observar as crianças, Locke concluiu que elas não trazem consigo muitas ideias ao nascer. Talvez nasçam apenas com sensações básicas, àquelas de fome e sede, pois, afirma ele, a alma não estaria sempre a pensar nessa fase. Algo semelhante ocorreria durante o sono, pois, ainda que possa haver pensamento, muitas vezes não conseguimos lembrar desses pensamentos durante essa fase. (LEROY, 1985, p. 30)

As ideias simples, explica Locke, são àquelas adquiridas pela experiência e se apresentam imediatamente à mente por meio das sensações, além disso, as ideias simples são àquelas qualidades frequentemente unidas umas às outras e é perigoso querer significá-las por meio das palavras, pois, até podemos nomear as nossas experiências por meio das palavras, mas elas não produzem experiência em si. A compreensão plena de uma ideia simples depende do contato do homem com o sensível, é por este contato que se tem a compreensão da origem dessa ideia. Ele utiliza o exemplo de um pedaço de gelo: ao tocá-lo, percebemos o frio e a dureza. Embora essas duas ideias sejam provenientes de um mesmo objeto e percebidas pelo mesmo sentido, elas são distintas para o espírito, pois uma corresponde à ideia de frio e a outra à ideia de dureza. (LEROY, 1985, p. 30)

Observemos apenas, por agora, que as ideias simples são de facto como a experiência no-las dá a conhecer; e que é perigoso querer torná-las mais claras para o espírito por meio das palavras, e querer substituir ou completar, pelo mesmo meio, a experiência imediata que delas temos; é exactamente como se pudéssemos tentar iluminar a escuridão do espírito de um cego com a ajuda de palavras sobre as ideias de luz e de cores. (LEROY, 1985, p. 31)

Para Locke toda a ideia é positiva, mesmo que sua causa seja privação de uma qualidade, ele explica que a ideia de sombra nada mais é que a privação da luz. Alguns nomes negativos não representam ideias, mas sim a ausência, como é o caso, por exemplo, das palavras “insípido”, característica daquilo que é desprovido de sabor, de gosto ou de aroma, ou da palavra “silêncio”, que

nada mais é que ausência som. Para o filósofo, esses termos tem o sentido negativo pois representam não uma ideia positiva, mas a ausência de uma sensação: ausência de sabor, no primeiro caso, e ausência de som, no segundo. Há uma infinidade de palavras que se poderia citar, mas já se tem a noção dos exemplos e do sentido que se buscou transmitir dos termos positivo e negativo das palavras.

O filósofo inglês é preocupado com a objetividade e, por isso, frequentemente retomava as mesmas ideias de diferentes maneiras, buscando torna-las mais claras. Ele considerava que muitos problemas filosóficos decorriam da formulação inadequada das questões. Por essa razão, recusava explicações tradicionais quando não estavam fundamentadas na experiência e submetia suas próprias opiniões ao julgamento crítico.

As palavras, afirma ele, podem ser compreendidas com relativa facilidade, mas seus significados exigem tempo e experiência para serem assimiladas. Tendo essas ideias na mente e aprendido seu significado, passamos a concordar ou discordar das proposições que nos são apresentadas, porém, uma proposição que utiliza palavras cuja ideia ainda não nos são familiares, ignoramo-las por não termos a compreensão de sua veracidade ou falsidade e deixamos de assenti-las, pois as palavras que não significam nossas ideias, não são mais que sons vazios. Só podemos assentir àquilo que representa alguma ideia em nosso entendimento. (LOCKE, 2012, p. 42 e 43)

A experiência é dividida, segundo Locke, em duas categorias: as das sensações e as da reflexão. As sensações provêm dos sentidos e fornecem à mente suas primeiras ideias que chegam ao entendimento por meio do contato com objetos externos, sendo moldadas pelas qualidades desses objetos. Já a reflexão corresponde ao processo pelo qual a mente observa suas próprias operações, analisa as informações recebidas e produz novas ideias, ou seja, são aquelas que através de processos mentais, analisam e combinam essas informações percebidas pelas sensações, se combinam e se associam pelo processo de reflexão, de tal maneira que a mente vai desenvolvendo outras ideias que não poderiam ser obtidas das coisas externas, apenas pelo movimento consciente da pura ação de reflexão. A base de todo conhecimento humano, comenta ele, é formada pela relação entre as impressões sensoriais e as operações mentais que se desenvolvem sobre essas impressões no interior da mente humana.

Para Locke, as ideias simples são a fonte primária de todo conhecimento adquirido pelo homem. Elas chegam à mente por meio da sensação ou reflexão e pode combiná-las de inúmeras formas, produzindo ideias complexas. No entanto, a mente não é capaz de criar uma ideia simples que não tenha origem nos sentidos ou na reflexão e, uma vez formada a ideia na mente não há força no entendimento capaz de destruir alguma dessas ideias alojadas na mente e é inútil tentar criar no entendimento uma ideia simples que não venha dos sentidos e não tenham recebido de objetos externos ou da reflexão que a mente produz.

O filósofo explica que as ideias simples chegam à mente por diferentes vias. Algumas entram por um único sentido, como a luz e as cores, percebidas pela visão; os sons, percebidos pela audição; os sabores, pelo paladar; e os odores, pelo olfato. Outras ideias chegam por mais de um sentido, como, por exemplo, o espaço, a extensão, a figura, o repouso e o movimento, percebidos tanto pela visão quanto pelo tato. Há, ainda, ideias provenientes da reflexão e ideias que podem surgir tanto pela sensação quanto pela reflexão.

Fazer uma enumeração de todas as ideias simples que cada sentido é capaz de perceber e produzir é desnecessário e impossível, pois a capacidade de produzir ideias é maior que a nossa capacidade de nomeá-las.

Faltam nomes para a maioria dos perfumes que há no mundo, tão variados, senão mais, quanto as espécies de corpos. *Perfumado e malcheiroso* servem-nos em geral para denominar essas ideias; mas assim dizemos apenas que são prazerosas ou desagradáveis (...). (LOCKE, 2012, p. 118)

Para o filósofo empirista, existem, além das ideias simples, que são a fonte primária do conhecimento, as ideias simples de reflexão que são aquelas percebidas quando a mente se volta para dentro de si mesma e observa suas próprias qualidades e ações e produz outras ideias. A mente é capaz de pensar, e essa capacidade é denominada de entendimento e vontade. Essa capacidade que a mente tem de entendimento e vontade é, por sua vez, denominada de faculdade. Para ele, estão abarcadas nas ideias simples de reflexão as lembranças, discernimento, raciocínio, juízo, conhecimento, fé etc. Além disso, temos as ideias simples que são, simultaneamente ideias de sensação e reflexão transmitidas à mente, tanto por via de sensação quanto pela via da reflexão, como: prazer e deleite, dor e incômodo, poder, existência, unidade. Algumas dessas ideias simples associasse com quase todas as ideias que o homem é capaz de pensar e governam o espírito do homem. (LEROY, 1985, p. 33)

É importante destacar que para o filósofo empirista, o importante não é classificar rigidamente essas ideias, mas compreender que todas elas derivam de alguma forma da experiência. A mente possui a capacidade de escolher, combinar e organizar as ideias sobre as quais pensa, desenvolvendo, assim, conhecimento mais complexos.

A teoria positiva de Locke afirma que todas as ideias se alicerçam em ideias simples derivadas da experiência. Algumas surgem da percepção exterior fornecida pelos sentidos; outras derivam da reflexão sobre a própria mente. Ideias como dor, crença e consciência de si podem ser compreendidas como ideias de reflexão. A mente não pode impedir completamente o surgimento dessas ideias, mas pode compreendê-las, organizá-las e ampliá-las.

A partir das ideias simples, a mente pode formar ideias abstratas, ideias complexas e ideias de relação. As ideias abstratas são armazenadas na memória e recebem nomes gerais, permitindo que a mente classifique diferentes experiências sob conceitos comuns. (MEYERS, 2017, p. 35 e 36)

Para Locke, a mente mostra uma tendência natural para classificar as ideias e assim tornar o conhecimento mais rápido e seguro. Ao adquirir uma nova ideia que seja útil, o primeiro movimento que a mente faz é subtraí-la e nomeá-la para somente então armazená-la na memória e classificá-la em um gênero de coisas marcadas pelo nome escolhido. Diante de um novo conhecimento, a mente busca compreender o que ela é e qual é o seu nome, como se este entalhasse na mente o conhecimento da espécie ou da essência da coisa que marca e à qual se supõe estar unido.

A ideia abstrata está, na mente, entre a coisa existente e o nome dado a ela; e assim a retidão de nosso conhecimento e a propriedade ou inteligibilidade de nossa fala dependem de nossas ideias. Se os homens supõem que suas ideias abstratas concordam com as coisas de fora às quais se referem e são iguais aos nomes que recebem do uso e da convenção da linguagem é porque percebem que, sem essa dupla conformidade de ideias, não poderiam, de maneira inteligível, pensar as coisas ou falar delas com os outros. (LOCKE, 2012, p. 412)

Há ainda as ideias de relação que são construídas pela comparação das muitas ideias existentes, que ao unir duas ideias “para vê-las de uma só vez, sem uni-las em uma” acaba por formar ideias maiores do que são. Essas classificações não são de forma nenhuma exclusivas, pois ideias simples podem ser classificadas como específicas ou abstratas, por exemplo, a ideia de brancura de giz quando observadas pode ser específica, embora a brancura que se observa no giz e no leite é abstrata. Da mesma forma ocorrendo com ideias de relação, que podem ser simples ou complexas, específicas ou abstratas a depender do contexto. (MEYERS, 2017, p. 37)

Para Locke, comenta Cabral em seu artigo “*O Empirismo Crítico de John Locke*”, o poder que as coisas têm de produzir as ideias é denominado “qualidade”. Essas qualidades podem ser primárias ou secundárias. As qualidades primárias correspondem às características dos corpos que produzem ideias semelhantes aos próprios objetos, como extensão, figura e movimento. Já as qualidades secundárias dependem da percepção do sujeito, como cores, sons, sabores e odores, não correspondendo exatamente aos objetos em si, mas ao modo como estes afetam nossos sentidos.

A mente tem tanto o poder de operar combinações entre as ideias simples formando ideias complexas como a capacidade de dividi-las, produzindo ideias gerais. Locke admite a existência de ideia geral de substância. Para ele, substância são coisas particulares distintas e existem por si próprias e é a primeira e a principal de todas as ideias, já que sabemos se falamos de um homem ou de um carneiro, de um soldado ou de um exército. Há três tipos de substâncias, segundo Locke, caracterizadas pela sua identidade própria: a substância de Deus cuja identidade não acarreta dúvidas, embora seja obscura para nossos sentidos; a dos espíritos infinitos que começam a sua existência em

um tempo e lugar definidos e por fim, os corpos que são constituídas de toda partícula de matéria que não podemos adicionar nem subtrair. (LEROY, 1985, p. 36)

As estruturas das coisas, ao qual Locke denomina como essência real e essência nominal, somos capazes apenas de conhecer a essência nominal das coisas, que nada mais é que o conjunto de qualidades que determinada coisa deve ter para se tornar conhecida e nominada, assim, a abstração torna-se uma parcialização de outras ideias complexas e o conhecimento consiste na percepção da conexão do acordo ou desacordo entre essas ideias. Embora ele defendesse que o conhecimento é gerado a partir de fatores sensórias e de reflexão, admitia, no entanto, que nem todo o conhecimento se limitava exclusivamente à experiência sensível, considerava por exemplo o conhecimento matemático válido em termos lógicos, embora não tivesse como base a experiência sensível, porém considerava necessário e válido que, pelas sensações advindas da experiência, como os símbolos e simbologias matemáticas se fazia conhecer pela experiência empírica.

Para Locke, não há pensamentos puros sobre conceitos meramente inteligíveis, mas pensar é sempre pensar em algo recebido pelas sensações impressos em nossa mente e a experiência gerada dessas sensações nada mais é que a observação e reflexão dessas sensações na mente do homem. (CABRAL, 2016)

Locke ofereceu contribuições significativas para a compreensão do entendimento humano. Seu trabalho em epistemologia e filosofia política reflete uma preocupação profunda com a natureza da mente, os limites do conhecimento e a formação racional do sujeito.

3. A TEORIA DO CONHECIMENTO DE LOCKE

A teoria do conhecimento proposta por Locke surge como uma resposta crítica às ideias defendidas pelos cartesianos em sua defesa do inatismo - teoria predominante em parte da filosofia moderna no continente europeu - e busca desvendar as origens do conhecimento humano pela experiência dos sentidos. Enquanto os defensores do inatismo, em especial René Descartes, sustentavam que certos princípios ou ideias estariam previamente presentes na mente humana, Locke argumenta que todo o conhecimento tem origem através da experiência. Desse modo, sua filosofia representa uma mudança significativa na forma de compreender a formação do conhecimento, pois desloca o fundamento das ideias da razão pura para a relação concreta entre o sujeito e o mundo sensível.

O empirismo britânico lockeano é considerado uma das pedras angulares da filosofia moderna e representa uma mudança na forma como se compreendia a origem e a formação do conhecimento e quais as vias que esse conhecimento alcança a mente dos homens. Ao propor que a mente não possui conhecimento pré-existente no entendimento humano, Locke coloca a experiência no centro do processo cognitivo, onde o homem é responsável pela construção desse conhecimento, pelas experiências adquiridas pelo contato com o mundo. Assim, o conhecimento não seria algo pronto, dado previamente ao sujeito como defendido pelos cartesianos, mas uma construção gradual, formada a partir das percepções sensíveis e das operações internas da mente.

Essa busca pela origem do conhecimento alicerçado na experiência sensorial tem sua origem na percepção provinda dos sentidos, adquiridas pelo contato com o mundo exterior, trazendo ao centro dessa questão nova crítica sobre como o conhecimento se realiza e se transforma no interior da mente humana. Essas percepções provenientes das ideias simples transmitidas pela sensação através dos objetos externo encontrados no mundo são transformadas em conhecimentos mais complexos por meio da reflexão, isto é, quando a mente se volta para si mesma e analisa suas próprias operações.

Os homens vêm a ter mais ou menos *ideias* simples, de fora, dependendo da maior ou menor variedade oferecida pelos *objetos* de que versam; de dentro, das operações de sua mente, dependendo de mais ou menos *refletirem* sobre elas. Pois, apesar de ser inevitável, para aquele que contempla as operações de sua mente, ter delas *ideias* plenas e claras; a não ser que volte os pensamentos para elas, e considere-as *atentamente*, terá *ideias* não mais claras e distintas das *operações de sua mente* e do que nelas se observa que teria dos particulares de uma paisagem ou dos movimentos de um relógio, se não voltasse os olhos para eles e com atenção considerasse cada uma de suas partes. Pode-se observar um quadro ou um relógio no dia a dia, e nem por isso serem menos confusas as *ideias* de cada parte, se não se considerar *atentamente* cada uma delas. (LOCKE, 2012, p. 100)

Locke argumenta que a mente é vazia de qualquer conhecimento prévio e o conhecimento acontece quando a mente passa a ser abastecida por ideias provenientes da experiência.

Supondo que a mente seja, por assim dizer, uma tela em branco, sem nenhum caractere, sem nenhuma ideia inata: De onde vem seu suprimento? De onde vem o vasto estoque que a diligente e ilimitada fantasia humana pinta nela com quase infinita variedade? [...] A isso respondo, numa palavra: da *experiência*, na qual se funda todo o nosso conhecimento, que dela deriva em última instância [...]. (LOCKE, 2012, p. 97)

Para ele, a experiência é o fundamento de todo conhecimento. É pela percepção dos sentidos que o homem recebe as primeiras impressões sensoriais e são essas impressões que alimentam a mente, permitindo que ela organize as informações recebidas dos objetos externos pelas vias dos sentidos, realize comparações e associações dessas primeiras informações e assimile as ideias recebidas. Assim, a mente passa a ter uma compreensão mais clara das informações armazenadas, passando a associar e comparar essas informações, alcançando novos e mais complexo conhecimento.

Essa concepção empírica, segundo a qual o conhecimento tem origem e se desenvolve gradativamente na mente pela experiência tornou-se um dos pontos centrais da filosofia moderna, pois fornece uma base filosófica relevante para a epistemologia, buscando determinar as relações entre o sujeito e o objeto percebido. A teoria proposta por Locke contribuiu para o desenvolvimento das ciências experimentais, uma vez que colocou o homem no centro desse debate e valorizou a observação realizada entre o homem e o mundo e seus vários objetos, as experiências percebidas dessa interação e a verificação como formas legítimas de aquisição do conhecimento. Suas teorias influenciaram também no campo da psicologia e da educação já que pavimentou o caminho da conexão entre ideia de conteúdos mentais e a experiência, abrindo caminho para que filósofos como David Hume e David Hartley desenvolvessem teorias de associação de ideias, influenciando diretamente a psicologia e preparando o caminho para estudos de aprendizagem, memória e hábito. Locke foi um dos primeiros a defender a importância da educação como ferramenta para moldar e desenvolver a mente humana, valorizando atividades concretas, a observação e a prática, não apenas a memorização verbal. Ele também valorizou hábitos, a disciplina e a formação moral, incentivando métodos menos punitivos e mais motivadores.

Para Locke o conhecimento provém da capacidade dos sentidos sensórias (tato, olfato, visão, audição e paladar) que o homem tem em perceber o mundo por meio das experiências fornecidas pelos sentidos e sensações. São através desses 5 sentidos que compõem a natureza biológicas e filosóficas do homem que ajudam a interagir com o mundo e com os vários objetos que o compõem. São essas informações recebidas das sensações adquiridas das primeiras ideias (ideias simples) que chegam à mente quando temos uma experiência sensorial fornecidas pelas qualidades próprias dos objetos externos e transmitidas através dos nossos sentidos para o interior da mente que, capacitada para processar essas informações por meio de processos mentais internos, analisa e combina ideias simples percebidas pelas sensações e transforma em ideias complexas e mais elaboradas, ampliando

assim o conhecimento mais simples em outro conhecimento mais complexo de compreensão. Este processo é resultado da combinação e associação das sensações providas das percepções recebidas dos sentidos e transformadas em ideias por um movimento mental e íntimo de reflexão que a mente realiza em seu interior, fazendo com que a mente desenvolva outras ideias oriundas dessa relação e sejam armazenadas na mente. Assim, surgem das ideias da percepção outras ideias mais complexas, por exemplo, as ideias do pensamento, do duvidar, da crença, da vontade, da comparação, de raciocínio e de toda forma que nossa mente é capaz de pensar e produzir. A reflexão, nesse sentido, é compreendida como uma espécie de sentido interno, que se desenvolve quando a mente se volta para si mesma, analisando e combinando suas próprias operações e produzindo novas ideias no interior da mente humana.

Considerando até aqui *ideias* que a mente recebe passivamente, *ideias* simples de *sensação* ou de *reflexão*, que não cria por si mesma e pelas quais constitui todas as suas outras. Mas, se é inteiramente passiva na recepção de todas as *ideias* simples, a mente atua por si mesma e molda outras *ideias* a partir das *ideias* simples que toma como matéria e fundação. Os atos em que a mente exorta poder sobre *ideias* simples são principalmente três. 1. Combinar *ideias* simples numa *ideia* composta, criando assim todas as *ideias* complexas. 2. Pôr juntas duas *ideias* simples ou complexas, comparadas lado a lado e contempladas simultaneamente, sem uni-las, obtendo assim todas as *ideias* de relação. 3. Separar ou *abstrair* *ideias* simples de sua existência real, criando assim todas as *ideias* gerais. Vemos agora que, no homem, os poderes e suas vias de operação são quase iguais no mundo material e no intelectual. Tanto em um como no outro, o homem não cria nem destrói materiais: faz apenas uni-los, pô-los lado a lado, separá-los. (LOCKE, 2012, p. 163)

Locke também desloca a compreensão do indivíduo de uma perspectiva que antes era universal, própria das teorias inatistas, para uma perspectiva particular, pois para ele, a compreensão do mundo é uma experiência individualizada do próprio homem que sente, observa e analisa essas informações fornecidas pela sua própria relação com o mundo. A realidade conhecida pelo homem é construída a partir das impressões sensoriais e das operações mentais realizadas sobre essas informações, fonte e base de todo o conhecimento humano.

As ideias simples percebida pelos sentidos surgem com as experiências sensoriais obtidas no contato direto com o mundo e com os objetos externos. Posteriormente, essas ideias são trabalhadas pela mente e transformadas em conhecimento mais elaborado e complexo da realidade, dessa maneira o homem vai transformando sua realidade e sua própria existência, não baseados em princípios universais inatos, mas pela própria experimentação do mundo. O filósofo inglês defende o desenvolvimento gradual do conhecimento humano, argumentando que das ideias simples alcançamos ideias complexas pela capacidade reflexiva da mente e o conhecimento se desenvolve progressivamente a partir das experiências vividas pelo homem.

O homem, argumenta Locke, se distingue dos demais seres vivos e é superior pela capacidade natural da razão e do entendimento. É por meio dessas faculdades dos sentidos que percebermos e

compreendemos todas as coisas e conseguimos investigar sua origem, as certezas e a extensão do conhecimento humano. É por essas faculdades dos sentidos que conseguimos avaliar as bases de nossas crenças e opiniões, da aceitação ou negação desse conhecimento obtido pela experiência adquirida. Ele não buscou compreender a natureza física da mente ou sua essência material, buscou entender as convicções dos homens e a maneira que defendem suas crenças e lidam com opiniões divergentes.

Compreender os limites entre opiniões e conhecimento foi um dos principais desafios enfrentados pelo filósofo, examinando o que não conhecemos com certeza e as medidas de regulação de nossos assentimentos e de moderação das nossas convicções. Sua investigação volta-se, portanto, para as vias pelas quais as ideias chegam ao entendimento e para o alcance das certezas humanas. Para alcançar esse conhecimento, investigou as origens das ideias observadas pelos homens e as vias que essas ideias oferecem ao entendimento, quais os conhecimentos que elas transmitem ao entendimento, suas certezas, evidências e alcance, buscando examinar e investigar a natureza e as bases da fé, de opinião e as razões de assentimento. Somente munidos dessas informações, afirma Locke, teríamos mais zelo ao tratar das coisas que excedem a nossa compreensão e a resignar nossa própria ignorância acerca das coisas que não estão ao alcance da nossa capacidade de compreensão e entendimento.

Se a investigação da natureza do entendimento descobrir os seus poderes e o *alcance deles*, quais as coisas proporcionais a eles e quando eles falham, ela talvez convença a inquieta mente dos homens a ter mais cautela ao tratar das coisas que excedem a sua compreensão (...). Se descobrirmos a extensão da visão do entendimento, a medida de suas faculdades para alcançar a certeza e as situações em que só nos resta julgar e conjecturar, aprenderemos a contentarmo-nos com a nossa condição. (LOCKE, 2012, p. 23)

É pelo entendimento e sua capacidade de compreender as verdades do mundo natural que o homem se torna um ser racional e superior aos demais seres da natureza. Desse modo, os homens deveriam usar sua mente para conhecer, julgar e acreditar de acordo com a razão, pois somos dotados de liberdade, responsabilidade e providos e capacitados por uma razão consciente, razão que é guia e juiz das condutas humanas.

Nessa perspectiva, quando a razão não exerce essa função de guia e juiz com ética e moralidade, o homem corre o risco de agir sem clareza acerca de seus deveres e responsabilidades. Para Locke, a mente e os sentidos, quando bem nutridos e orientados pela razão conduz o homem a conhecer aquilo que é necessário para sua existência.

O filósofo afirma não haver como provar nada que não esteja alicerçado pela experiência, ou seja, a existência real só pode ser provada pela existência real e só é possível fazê-lo pela evidência da experiência. Todo conhecimento da existência real, que é àquela existência que existe por si mesma, deve basear-se nos sentidos ou na autoconsciência, ou seja, exclusivamente pela experiência,

afirmando que por sermos seres pensantes e por termos consciência da nossa existência, uma vez que a matéria não pode explicar o pensamento, a conclusão mais óbvia ou coerente, segundo ele, é que um ser pensante, superior e bondoso criou o mundo físico.

Portanto, Locke procurou compreender as vias pelas quais o conhecimento alcança à mente humana e quais são as origens, funções e os limites do entendimento. Sua filosofia sustenta que a mente é inicialmente desprovida de conteúdos e que somente pela experiência, auxiliada pela reflexão, o homem é capaz de alcançar o conhecimento necessário para compreender a si mesmo e o mundo em que vive. O homem, esse ser pensante que sente, observa e analisa o mundo só é capaz de fazê-lo por intermédio da experiência recebidas dos sentidos e é pela razão e pelo seu entendimento que o homem percebe e modifica o mundo em que vive.

CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como objetivo analisar o empirismo do filósofo inglês John Locke, destacando sua compreensão acerca da origem do conhecimento humano e sua crítica às teorias inatistas, em especial, aos cartesianos. Ao longo da pesquisa, observou-se que Locke rejeita a ideia de que existam conhecimentos ou princípios previamente impressos na mente humana, como sugerem os cartesianos. Para ele, todo conhecimento tem origem na experiência, seja por meio da sensação, seja por meio da reflexão.

Em sua vida intelectual, buscou responder à questão de como os homens alcançam conhecimento e dedicou seus últimos anos na busca por uma resposta que atendesse com êxito essa questão sobre como os homens adquirem conhecimento e sua resposta para esta questão marcou profundamente o pensamento ocidental. Sua teoria empírica alicerçada nos sentidos buscou pavimentar um caminho seguro para que o homem pudesse compreender as vias que o conhecimento alcança a mente humana. O verdadeiro conhecimento, para Locke, surge da experiência e da observação do homem com o mundo. A mente e os sentidos são os caminhos que levam ao conhecimento e a razão é capacitador para compreender e assimilar esse aprendizado. É pelo entendimento humano e sua capacidade de compreender as verdades do mundo sensível é que o homem alcança uma capacidade racional.

Suas críticas ao inatismo representa uma importante ruptura filosófica. Ao negar a existência de ideias inatas, ele valoriza a formação gradual do sujeito e destaca a importância da experiência, da educação, da linguagem e da observação. Sua filosofia contribuiu para compreender o ser humano como um sujeito em desenvolvimento, cuja razão se forma a partir do contato com o mundo e da reflexão sobre suas próprias ideias. Sua defesa da experiência como fundamento do conhecimento ajudou a consolidar uma nova maneira de pensar a relação entre sujeito, mundo e razão. Ao reconhecer os limites do entendimento humano, Locke também propõe uma atitude filosófica marcada pela prudência, pela investigação e pela moderação das convicções.

Portanto, o empirismo de John Locke permanece relevante por oferecer uma explicação consistente sobre a formação do conhecimento humano. Sua filosofia mostra que conhecer não é simplesmente recordar ideias já existentes na mente, mas experimentar, perceber, refletir, comparar e elaborar. Dessa forma, Locke inaugura uma compreensão moderna do homem dotado de razão, sensível e capaz de construir seu conhecimento a partir da experiência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de Filosofia**. consultoria da edição brasileira Danilo Marcondes. Tradução Desidério Murcho. Rio de Janeiro-RJ, Brasil: Jorge Zahar, 1.997.

CABRAL, João Francisco Pereira. **O Empirismo Crítico de John Locke**. Brasil Escola. Disponível em <http://brasilescola.uol.com.br/filosofia/o-empirismo-critico-john-locke.htm>. Acesso em 09 de Junho de 2.026.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia**. – 4. Ed. – São Paulo-SP, Brasil: Saraiva, 2016.

DESCARTES, René. **Meditações sobre Filosofia Primeira**. Tradução, nota prévia e revisão Fausto Castilho. São Paulo-SP, Brasil: Editora Unicamp, 2.004.

DUNN, John. **Locke**. 1.984. Tradução Luiz Paulo Rouanet. São Paulo-SP, Brasil: Edições Loyola, 2.003.

LEROY, André-Louis. **Locke**. Traduções António Manuel Gonçalves e Joaquim Coelho da Rosa. São Paulo-SP, Brasil: Edições 70, 1.985.

LOCKE, John. **Ensaio sobre o Entendimento Humano**. Tradução, apresentação e notas Pedro Paulo Garrido Pimenta. São Paulo-SP, Brasil: Martins Fontes, 2.012.

MEYERS, Robert G. **Empirismo**. Tradução Marcus Penchel. Petrópolis-RJ, Brasil: Vozes, 2.017.